

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNO.....	4\$800	ANNO.....	8\$000	Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	1\$200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — **Rua Formosa, 43**



Summario

Capa: VENDEDOR DE RENDAS.—**Texto:** PORTUGUEZES E BRAZILEIROS NO «SALON» DE 1007, 15 illust.—VIDA MILITAR, 4 illust.—FERRO E FOGO, 8 illust.—RENDAS L-RENDAS, 9 illust.—ALADME DE FOGO, 14 illust.—A NOSSA CASA, 10 illust.—VIDA SOCIAL, 2 illust.—ARTES E LETRAS, 2 illust.—LEI DE IMPRENSA: O PRIMEIRO E SEGUNDO JULGAMENTOS EM LISBOA, 14 illust.—SANATORIO SOUSA MARTINS NA GUARDA, 12 illust.—FIGURAS E FACTOS, 7 illust.—VIDA COLONIAL, 4 illust.

SÓ NÃO TEM CABELLO NEM BARBA QUEM QUER !!

Fazemos nascer *cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garanto-se que não é nocivo.*

REMETTE-SE COM TODA A DISCREÇÃO



Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabello abundante. Temos levado, com o nosso **balsamo Mootcy**, a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde! Homens notaveis e não notaveis, todos no-tem vindo pedir o nosso conserto. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos lugares de Africa e da Australia e o nosso **Mootcy** conhe-cido e aprecia-se. Póde-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o **Mootcy** é de **25515 réis** por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2

porções, uma para a barba e outra para o cabello, tem o preço especial de **45420 réis**.

Com cada porção vai um certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

SE ISTO NÃO FOR VERDADE PAGAMOS AO COMPRADOR 300\$000 (trezentos mil réis) para prevenção e contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem scripta a palavra **Mootcy**.

Evita-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133

O MAIOR E MAIS IMPORTANTE estabelecimento da especialidade na Europa.

PRINCIA VIOLET
NOUVEAU PARFUM
29, B^o des italiens, PARIS

Violet SABÃO REAL
ou
THRIDAGE
PARIS Sabão "Veronique"
Linha: 3012 mediana 8^o 1/2 comprimento da Folia e Alburca 12 2000

Comprem as
Sedas Suissas

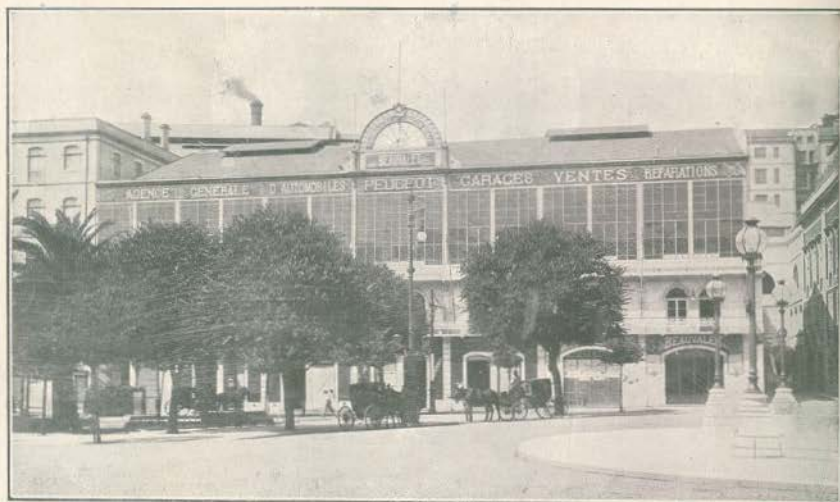
Peçam as amostras das nossas sedas, navidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Echizen, taffetas de lustro, Louisine para de d a, *Musseline* 120 cm. de largura de fr. 1,25 o metro, em preto, branco, lizo - plantacia, assim como blusas e vestidos em baliste bordado.

Vendemos as nossas sedas guardadas solidas directamente aos particulares e franco de portio ao domicilio.

Schweizer & C.
LUCERNE Z. 19 (SUISSA)
Exportação de sedas

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NESTLÉ
FARINHA LACTEA
36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa
PREÇO 400 RÉIS

UNION MARITIME E MANNHEIM
Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza
A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.^o, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.
Directores em Lisboa:
LIMA MAYER & C.^a
RUA DA PRATA, 59, 1.^o—Lisboa

PORTUGUEZES E BRAZILEIROS NO SALON DE 1907

A visita ao «Salon» da Sociedade dos Artistas Francezes é um dos deveres sociaes a que não se pôde escapar e ao qual, no fim de contas, todos se curvam com prazer. Como toda a gente, tambem eu lá fui no dia do *vernissage*. Dia de inverno improprio ás grandes caminhadas higienicas, o melhor que tinha a fazer era entrar no Grand Palais. Ahí pelas alturas da sala 20, isto é, a meio do caminho, fica-se extenuado, e é com legitimo prazer que a gente se deixa cair n'um dos bancos forrados de belbutina que a solicitude da direcção espalhou por aquellas galerias sem fim.

Não me apressei a penetrar na secção de pintura a oleo. A' porta do palacio transpuz, calmamente, o torniquete registrador, em cujas profundezas desapareceu a minha rica moeda de 10 francos; e fui sentar-me na grande nave, entre os *emois* da esculptura, a fumar o resto do meu charuto, para que tudo não fosse perda, n'esse dia de prodigalidade.

Como me entretivesse a procurar entre os homens algum typo original dos que só se encontram no «Salon» ou em Montparnasse, dei com os olhos em Sousa Pinto que passava.

Quem não conhece este nosso grande artista?
A fallar verdade, verdadinha, elle não é o que



Estatueta de Silva Gouveia, representando Olivier Merson—O pintor portuguez Sousa Lopes no seu atelier, ao lado do grande retrato que expoz este anno no *Salon*



O pintor Sousa Pinto, retrato recentíssimo



Quadro de Sousa Pinto, exposto este anno

Se chama um bonito rapaz. E o temperamento excessivamente nervoso de que é dotado também não lhe favorece o aspecto. Os seus trabalhos, todos impregnados de serena tranquillidade, nada se parecem com elle.

Agitado, de gestos sacudidos, quasi mechanicos, dá a impressão de ter sido construído n'uma forja... mas em aço, em aço puro.

Quando gesticula, pensa-se, sem



Quadro de Sousa Pinto—(Estudo portuguez, mas feito sobre estudos antigos) sahir.

querer, no accidente possível... Se a móla do braço direito, por exemplo, se quebra, lá se vae um dos melhores artistas portuguezes; porque grande artista é elle, sem duvida, e com caracter especial. Quem frequenta com assiduidade o «Salon» ouve constantemente os visitantes que passam exclamar defronte dos seus quadros:

—*Voilà un Sousa Pinto!*

Isto não quer dizer que elle inventasse um genero. Um genero não se inventa: apparece como resultado de uma lenta evolução. O que elle possui é uma maneira sua, inconfundível com qualquer que seja o numero e qualidade de quadros de assumpto identico. Para não citarmos, dos que expoz este anno, senão «Le Baquet de bleu», podemos affirmar que, se Sousa Pinto não contasse, como conta, uma gloriosa e longa carreira artistica, bastaria este quadro para lhe dar direitos a ser inscripto na lista dos melhores pintores contemporaneos.

Malhõa, o grande e original Malhõa, enviou um quadro que fica, um quadro de museu — «Les Ivrognes», que, a qualquer hora que se passe na sala 18, é difficil vêr, porque sempre um grupo compacto de entendidos está parado defronte do seu trabalho.

Que differença com o do anno passado! Decididamente Malhõa tem o estofo de um pintor academico, e d'ahi não deve

Se não fosse a monotonia do colorido empregado propositalmente pelo artista para mostrar, sem dúvida, o seu *savoir-faire*, o quadro «Les Ivrognes» seria inquestionavelmente premiado.

Como é, porém, que a crítica, pondo de parte algumas referências «ao estranho e original desenho», pouco se occupou d'elle?

Oh! A Crítica! Para o que ella vale! Se os jornaes de certa importancia ainda subvencionam alguns cavalheiros que fazem profissão de criticos, é para satisfazer a exigencia do leitor *phillisteu* que não sabe vêr o «Salon» sem o auxilio da folha que assigna, como nada distingue na politica ou nas finanças do seu paiz, e, ainda mais, nos seus proprios negocios, sem que o seu jornal lhe forneça uma opinião preparadinha a ponto.

Mas dêmos que a critica fosse professada como um verdadeiro sacerdocio. Como era possível occupar-se ella dos artistas estrangeiros e principalmente dos que aqui não vivem, como Malhõa?

Os pintores francezes são muitos; são demais. Empurram-se uns aos outros no caminho da solicitação. E' uma torrente! Dez mil quadros são enviados ao «Salon» todos os annos, dos quaes mais de sete mil são recusados; e fica-

se a pensar, com tristeza, na somma de esperanças perdidas representadas por todos esses trabalhos não recebidos.

Este excesso de pintores suscita ciumes, odios, o desejo ardente da notoriedade, o gosto do charlatanismo, o emprego do reclame.

Os criticos, os da imprensa diaria, sobretudo, são-lhes funestos, porque não são sinceros. Servem, principalmente, os seus interesses.

Os amadores de bom quilate e o jury do «Salon» é que fazem a verdadeira critica, e digo—critica—porque o successo é outra coisa.

Este, quem o faz, é o negociante de quadros. A um d'elles ouvi, uma vez, contar, com a sua pronuncia teutonica, como se faz a reputação de um artista. Isto foi em BadenBaden, no ultimo verão. *O marchand de tableaux* estava em veia de confidencias.

—O meu segredo, dizia elle, não é complicado. Tenho confiança n'um pintor ou não tenho. Se tenho confiança adquire tudo o que elle produz. Depois previno os amadores e digo-lhes: «Ahi está um rapaz que tem talento e terá reputação mais tarde. Experimentem.» Elles experimentam e



O pintor brasileiro Joaquim Fernandes Machado, auctor do quadro S. Francisco d'Assis —S. Francisco de Assis (Predicação aos passaros)



Mario Barbosa, pintor brasileiro

compram-me os quadros. No dia em que não os querem mais fico-lhes com elles, dando-lhes um bom lucro, pois no nosso commercio é preciso não ser miseravel.

«Os amadores ficam satisfeitos da bella operação que fizeram e dispostos a continuar. Pouco a pouco os preços estabelecem-se. O meu pintor torna-se celebre e ganha vinte contos por anno. Eu tambem não perco, está claro, e toda a gente fica encantada! Acreditem, meus senhores, acrescentou o marchand, para estas coisas não ha como a confiança!»

E não ha, effectivamente.

Veja-se o que succede com o quadro de Alberto Pinto. O auctor, além do titulo «A bas les pattes!» deu-lhe o sub-titulo «Cabaret Portugais».

Ora, quem confiar no sub-titulo, ficará suppondo que aquellas figuras e aquelle todo representam uma scena da vida lusitana.

Os que não se fiam em letreiros dirão: ahí está um bello quadro e com magnificos effeitos de luz. Nunca Alberto Pinto fez melhor e, por este caminho, pôde contar que uma medalha não está longe. Mas quanto ao sub-titulo «Cabaret Portugais», protestamos. O que o quadro representa são tres soberbos modelos italianos, aportheuzados o mais possivel, valha a verdade, mas italianos *tout de même*, e entregues, com alegria, ao celebre jogo dos dedos tão grato aos napolitanos.

As coisas e aspectos da terra

natal tem para nós um encanto incomparavel, e o menor accessorio, se é bem nosso, possui o dom de nos enternecer, e é por isso que insisto em recusar o sub-titulo que Alberto Pinto deu ao seu excellento trabalho, onde nada se encontra que faça lembrar aquelle extraordinario caneco vidrado de amarello do quadro de Malhõa, tão portuguez! E não fallo nas sardinhas nem nas castanhas...

Souza Lopes tambem se estrangeirou este anno.



Interior Breton, de Mario Barbosa—Interior Breton, de Mario Barbosa

com bastante pena minha. O quadro do «Salon» de 1906, «Episode du Siègê de Lisbonne», satisfiz-me mais.

O seu quadro exposto actualmente é um simples retrato. Dir-me-hão que ha retratos e retratos. O de Souza Lopes é bom, se não exigirmos muita semelhança! Conheço o modelo por tê-lo visto em sociedade e d'ahi concluo que Souza Lopes quiz fazer antes um quadro do que um retrato.

Como quadro é muito bom, mas n'um genero de que eu não gosto. Por esta razão declaro-me suspeito e limito-me a



O pintor brasileiro Dario Barbosa fazer votos para que este nosso artista volte a pintar quadros como o «Episode du Siègê» e que fique sendo um pintor historico que já é, como é, tambem, um *habitué* do Salon, o que não é pouco dizer, porque, afinal, apenas quatro pintores portuguezes lá figuram, como quatro são os brasileiros.

D'estes, temos Pedro Alexandrino Borges, com a sua especialidade de naturezas mortas, e que goza de uma grande e merecida reputação no seu paiz, principalmente em S. Paulo, de onde é filho.

O genero a que se dedicou este Pedro Alexandrino é o mais ingrato de todos, mas nem por isso menos digno de admiração. E' um bom trabalho a sua tela «Ananas et verre ancien».

De S. Paulo são igualmente os dois irmãos Villares Barbosa: Dario e Mario.

A estes fez a natureza gemeos em tudo: no physico, no temperamento, no amor á arte e até no prazer que encontram a dedilhar a viola.

Para os lados de Concarneau, na Bretanha, onde passaram o ultimo verão, conquistaram, com a sua musica, a reputação mythologica de Orpheus... de rabôna. Toda a mocidade d'aquelles logares abandonava, á noite, os lares paternos para ir ouvir os cantar modinhas brasileiras e fados portuguezes.



Etude de tête, de Dario Barbosa—Interieur Breton, de Dario Barbosa

Os povos barbaros d'aquelles sitios, hypnotisados pelos accordes sentimentaes da guitarra e do violão, seguiam os Barbosas, pelos campos fóra, silenciosos e recolhidos como n'um *pardou* de penitencia. E n'esse paiz de bebedeiras unicas, monumentaes, esquecia-se a ignobil cidra e a aguardente assassina, quando a guitarra chorava um fado ou o violão rasgava um *samba*.

O *maire* adorava-os. Por um pouco tel-os-hia adoptado como cidadãos de Concarneau.

Trouxeram de lá excellentes recordações e quatro quadros: dois cada um, que foram recebidos no Salon sem recommendação dos mestres nem protecção de amigos, o que é um triumpho para quem, como elles, chegou a Paris ha cinco annos, sabendo, apenas, os rudimentos da sua arte.

Nos quatro quadros ha boas notas, mas o «E'tude de tête», de Dario, é um trabalho digno de um velho artista.

Joaquim Fernandes Machado é do Rio, onde frequentou a escola de bellas artes. Em Paris tem elle aproveitado muito, muitissimo, como prova o seu «S. Francisco de Assis fallando aos passarinhos.»

O quadro é de grandes dimensões e, por esse motivo, bastante difficil de escapar á critica terrivel do jury de admissão, que muitas vezes deixa passar um quadro pequeno... porque occupa pouco logar. Com os grandes a coisa é mais séria, e os mestres que lhe deram as honras do «Salon» foram justos para o trabalho de Machado, de poetica composição e execução perfeita.

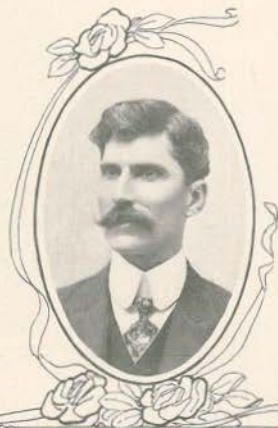
Na escultura, o nosso Silva Gouveia expõe, como de costume, algumas estatuetas, entre as quaes a de Olivier Merson, membro do Instituto, e a da sr.^a condessa de Arnoso são trabalhos primorosos.

No que elle esteve infeliz foi no logar que a sorte lhe designou para a sua vitrine. Mas quem sabe se justamente lá no cantinho não irá cair a recompensa desejada?

Quando se é novo, como elle, é-se, sobretudo, ambicioso de glórias; mas deixem lá! Um pouco d'essa *pecunia*, tão menos prezada e tão secretamente desejada por todos, nunca faz mal a ninguém, nem mesmo a um artista.

Rodin, o seu collega, não desdenha nenhuma parcella dos cem contos que ganha uns annos pelos outros.

Paris, 11-5-07—A. D'AGUIAR.



Alberto Pinto, pintor portuguez—*A las les pallez!* (Cabaret Portugais) de Alberto Pinto



VIDA MILITAR

EL-REI EM INFANTERIA 16

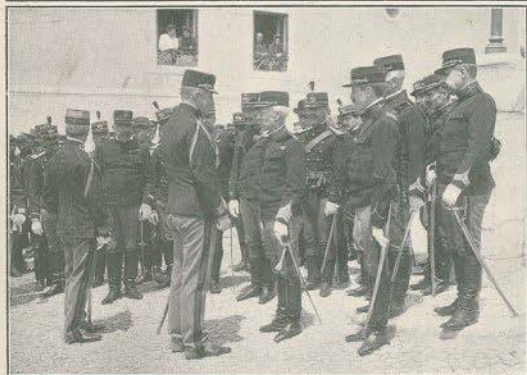
No dia 15 de manhã, El-Rei visitou o regimento de infantaria 16, onde era aguardado pelo sr. ministro da guerra e seu ajudante; general Cra-veiro Lopes, com mandan-

realizadas por uma companhia de infantaria em ordem unida, retirando-se El-Rei às 11 e meia, depois de ter testemunhado ao sr. coronel Vasconcellos a sua boa impressão por tudo quanto acabava de vêr.

te da primeira divisão militar; coronel Eloy de Vasconcellos, comandante do regimento, e por toda a officialidade.

Sua Magestade assistiu a diversos exercicios de leitura feitos pelos recrutas que entraram analphabetos para o serviço militar, depois de ter passado revista ao quartel.

Seguiram-se diversas evoluções



Fazendo a continência a El-Rei—S. M. El-Rei, e grupo de officiaes de infantaria 16
—O sr. ministro da guerra communicando ao coronel do regimento as felicitações d'El-Rei—El-Rei, acompanhado pelo coronel do regimento, saindo do quartel

(Clichés de Renault)

A FERRO E FOGO!

O comício de 19 de maio



Encosta acima: a caminho do comício—O sr. dr. João Pinto dos Santos: «O paiz atravessa um periodo historico.....»—O sr. dr. Francisco Fernandes, lendo a moção: «O povo de Lisboa protesta com a maior vehemencia.....»—O sr. dr. Pedro Martins: «O povo só tem um dever a cumprir, e esse é defender a patria portuguesa!»—O sr. dr. Cinha e Costa: «Conheceis acaso, senhores, aviltamento igual?»—O sr. visconde da Ribeira Brava: «A patria portuguesa é dos portugueses!»



O sr. Thomaz Bicker: «A conquista da liberdade não poderá alcançar-se e a não ser pela revolução!»—O povo contido pela policia (Clôches de Benoit)

RENDAS! RENDAS!

HOUVE um pae que deitou ao quintal a semente do algodão e veio todo contente para casa, esfregando as mãos, dizer ás filhas que fossem contando com os saíotes para a próxima colheita.

As raparigas pularam de alegria e puzeram-se a dançar uma sarabanda doida, cantando:

Saiotes, manas, saíotes!...

Ainda a semente estava na terra já as pobresitas se viam enfeitadas e garridas, bemdizendo da sua sorte que lhes dera um pae tão amigo de as trazer limpinhas e compostinhas.

Saiotes, manas, saíotes!...

E' bem de crêr que o algodão seccasse, antes mesmo de poder ser fiado. Assim se desfazem todas as illusões!

Rendas! Rendas! Rendas baratas!...

O hespanholito passa, curvado sob o fardo coberto de riscado azul e enfiado no metro. Dentro d'aquella trouxa mysteriosa ha uma cornucopia de

felicidade a entornar sobre as cabezinhas que espreitam, n'uma anciedade supida, das janellastristes de uma agua furçada, do porrinhol das lojas, das lucarnas abertas nas paredes.

Rendas! Vieram da sua terra, arrebatados por

um contractador, exercer a delicada profissão cujo encanto elles nunca perceberam, cujo symbolo elles nunca adivinharam. Rendas, — negocio! negocio, diabreiro! Não vêem mais nada. Aos bandos por essas



ruas, dois a dois, tres a tres, com a mão espalmada ao canto da bocca, atirando o pregão aos altos céos,—grito que canta dentro d'alma como o gorgoejo de uma cotovia por madrugada fresca,—mal sabem elles, os pequenos hespanhoes da Extremadura, que accendem tentações, que despertam desejos, que fazem correr lagrimas!

A vintem o metro, não ha nada mais barato. Pois sim, pois sim. Por um vintem já se tem meia duzia de sardinhas; e com outro vintem come-se pão. Dois metros de renda! O que é isso, ó almas simples! Dois vintens:

—uma agonia! Os jornaes descrevem festas sumptuosas, em que as mulheres despem os collos para os expôr á fulguração das luzes. E' um delirio cõr de rosa afogado n'um oceano de rendas: ligeiro capricho de

Valencienses e de Alençon, que um segundo de mau humor despedaça, rasga, esfarrapa, n'um impeto. Que importa! E' só encher um cheque. Vejam lá o grande trabalho. Encher um cheque! Escrever meia duzia de garatujas n'um quarto de papel.

Rendas! Rendas a vintem o

metro!... Da sua janella tão alta que nem se via a rua, a pequenita punha-se a escutar o pregão até que elle se esbatia como uma tinta de poente e se afogava nos outros rumores confusos da cidade. So-



Largando para o negocio

nhava coisas de ouro, tão luminosas que se via nos seus olhos a transparência do sonho. Quinze annos,

uma primavera a abrir. Como morava tão alto, tão alto, que só as estrellas a viam e só o sol lhe vinha doirar os cabelos logo que rompia em toda a sua magestade de purpura, nunca esperou que lhe viesse um noivo cá de baixo, da terra. Espera-

voz aguda atirada muito longe, como despedida por uma funda.

Rendas baratas!

Tinha, sem os conhecer, um grande amor e uma grande piedade por elles: amor, porque lhe levavam até ao coração uma doce alegria; e piedade, porque suspeitava que os pobresitos andavam n'aquella rude faina, ao sol e á chuva, vindos de muito longe, das suas terras, ainda para lá de Portugal, onde talvez lagrimas de mãe corressem em fio, silenciosas, como se descessem em bicos de pés, para não perturbar a tumultuosa alegria do mundo. Ella já não tinha mãe, já não tinha ninguém; mas tinha o seu sonho, — aquelle lindo moço que viria n'um raio de luar beijar-lhe as mãos, enquanto ella lhe teceria o ouro dos cabelos com os seus dedos afusados, e lhe daria na musica do seu olhar a resposta á musica da sua



«Vendeste muito?»

va-o, sim, na allucinação das febres torturadas, mas do céu, descedendo n'um raio de luar, como os principes das lendas encantadas. Elle viria, estava certa d'isso — tão certa! — e ajoelhar-se aos seus pés, beijando-lhe o vestidinho de chita, beijando-lhe a mão tão fria e tão branca que parecia tecida de linho pela Virgem. E dir-lhe-hia as coisas mais lindas que ouvidos humanos já mais tinham ouvido, como se tivesse bebido nos versículos da Bíblia a inspiração e o amor.

Rendas! Rendas!

Ficava-se, n'um extase, a reflectir no sonho magico. Rendas! toda vestida de rendas, como se fosse o proprio Deus que a vestisse, luarisada e esfumosa, como uma Amphitrite casta resurgindo do seio das ondas. O altar seria como o céu, vasto e cheio de estrellas; acolytariam anjos; e, de pontifical, na grande gala dos acontecimentos memoraveis, S. Pedro, com as longas barbas serenas e patriarchaes, esperal-a-hia á entrada, para lhe lançar a primeira bênção. Havia de comprar muitas rendas, tantas que nem a tela do vestido luziria debaixo d'ellas: seria assim como uma extraordinaria alleluia depois de uma semana santa de soffrimentos e de angustias, a juntar aquelle dinheiro n'uma caixa de papelão que estava bem guardada no fundo do seu bahú.

Os hespanholitos passavam, cá em baixo, na rua, com o seu fardo de riscado azul ao hombro, a sua



«Quantos metros quer?»



Por essas ruas.....

voz. Duas musicas que se confundiriam no mesmo hymno-de amor e de felicidade!

Os rendeiros eram a sua unica e fatal preocupação. Quando ouvia, lá em cima, tão alto, quasi a roçar, pelas nuvens, o seu pregão seductor e tentador, ficava-se horas interminaveis a rolar na imaginação aquelle sonho de se ir casar, toda coberta de espuma, com o principe que deveria descer n'um raio de luar até ao seu quarto frio e nú onde apenas uma virgem fulgurava, n'uma viva oleographia, com o seu diadema e os seus olhos profundamente tristes, cheia de piedade.

O que dizem elles, então, os exilados voluntarios, que veem procurar a sua vida em terras estrangeiras, debaixo do peso d'aquelles fardos que occultam um mundo de tentações! Ora, o que dizem elles!... Dizem que ha na alma feminina um lugar que a serpente do Paraiso deixou eternamente marcado com a sua mordedura venenosa; dizem que esta vida é toda feita de illusões e que os vencedores são os que tem dinheiro para lhes comprar aquella niheria que faz a felicidade da mulher, que a embelleza, que lhe dá o ar de uma rainha, toda a soberania que desperta o appetite, toda a graça que é um dom vindo directamente das mãos de Deus todo-potente.

Tudo isto elles cantam, sem o saber, sem adivinhar, sequer, até onde vae ferir o dardo certo do seu pregão.

Rendas! Rendas!

E' uma cantilena que os homens ouvem com engodo, mas que a mulher appetite, porque lhe traz a gloriosa visão de uma vida deliciosa, toda de magestade para a conquista, toda de riso e amor para o triumpho. Não ha uma só que se não imagine deusa, desde que possa vestir o corpo d'essa nuvem ficticia de coisas leves, que são as gazes e as cassas, as rendas e os perfumes.

Um notavel physiologo dizia ha tempo diante de uma conhecida sociedade scientifica de Londres:

«A mulher começa a ganhar terreno sobre o homem. E' um facto evidente que, durante as duas ultimas gerações, o que se convencionou chamar o sexo fraco leva de vencida o homem em desenvolvimento physico. Entre as classes educadas, onde as meninas tem uma vida hygienica e usam os sports ao ar livre, a filha é mais alta, mais forte e mais activa que a mãe foi na sua mocidade, e uma verdadeira amazona comparada com a sua bisavó.

«Na ultima geração, o homem demonstrou, em troca, escasso ou nenhum melhoramento physico ou moral. O que equivale a admitir que o sexo forte chegou ao limite do desenvolvimento, como ser organizado, enquanto a mulher começa agora a revelar a superioridade do seu sexo. Já se tem observado que o cerebro feminino é proporcionalmente maior que o mas.



«No los hay más bonitos en todo el mundo!»



Rendas! Rendas! Rendas baratas!.....

bro feminino é proporcionalmente maior que o mas.

culino. Dentro de cincoenta annos as facultades mentaes da mulher expandir-se-hão mais rapidamente e serão talvez mais poderosas que as do homem.»

Isto disse-o um sabio. Mas quer a mulher seja d'aqui a cincoenta annos mais forte que o homem, a verdade é que ella é e foi, em todos os tempos, a verdadeira soberana de todos os nossos actos. Ha exemplos que todos pôdem vêr na historia, se se quizerem dar ao trabalho de esmiuçar estes galantes episodios.

A nossa snhadora da agua furtada não tinha a pretensão de querer dominar pela força do seu cerebro ou dos seus musculos aquelle que um dia seria o senhor absoluto do seu coração e da sua vida. Esperava-o, confiada e credula na sua estrella, que lh'o havia de trazer, bello e gentil, em toda a sua transparencia luminosa de anjo...

Mas uma bella noite uma grande ave mysteriosa e branca que baixou do desconhecido, da treva, pôsou-lhe-a alma e levou-a comsigo no bico, ares fóra, enquanto o pobre corpo, hirto e frio, ficava abandonado sobre o leito.

Vieram buscal-o: sorria ainda! E as primeiras rendas que usou foram as do caixão. Mas eram pretas,

pretas, sobre o amarello da lhama que se esfranjava como lagrimas soltas.

O sonho ingenuo e doce de um coração puro de creança, que vivido na agufurtadão perto do céu, só sonhos alados poderia naturalmente sonhar, esvaia-se assim, pelo ar, no bico da ave da morte, caminho do mesmo céu, seu visinho antigo, e onde tambem as franjas caprichosas das nuvens parece ás vezes serem rendas de imaginoso desenho. Essas,

porém, ia por certo vê-las apenas a alma inconsolada da vida, que, solta do seu grosseiro involuço de argilla, a outros sonhos ideaes miraria. Em volta do corpo, despojo da terra, á terra voltando, com as paixões nativas da terra, não restavam senão as rendas pretas, que enfeitavam o caixão. Pretas; negras como a aza da ave da morte!

Ai, as dos pequenos hespanhoes são brancas como espuma: para noivados, para baptisados, para enfeitar a alegria e o prazer. Rendas! Rendas! Rendas baratas...



Que tentação!



Já se pôde descansar «um rato!»

(Clichés de Benoitel)

para baptisados, para enfeitar a alegria e o prazer. Rendas! Rendas! Rendas baratas...

ALARME DE FOGO

lavareda, e então com enorme rapidez envolve cortinas e reposteiros, invade os soalhos e as armações, apossa-se de tudo quanto é inflamável, e a chama eleva-se, lambedora e triunfante, no meio de grossos rolos de fumo.

O susto e o pavor desencadeiam-se naturalmente, perdem todos a serenidade, desorientam-se; nos primeiros instantes é só o medo irracional que domina e prevalece. A ninguém acode uma ideia ou um expediente pratico; nin-

guem se sente com animo e auctoridade para restabelecer a calma e a ordem. De noite o terror é ainda mais exagerado, a afflicção redobra. Os que foram

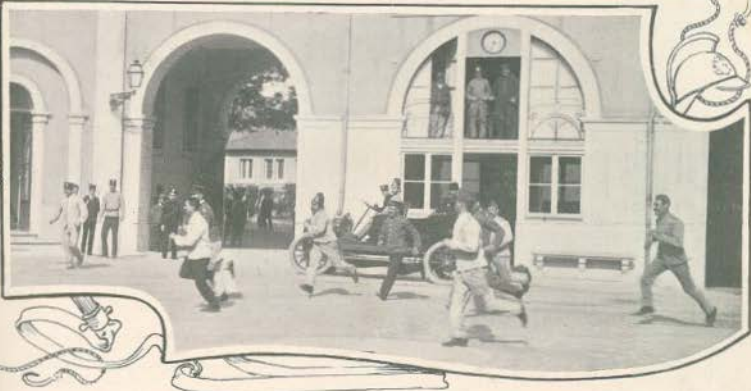
Como principia um incendio?

E' quasi sempre difficil dizê-lo. Um ligeiro descuido, uma pequena distracção, um insignificante accidente casual, uma faúlha apenas, que salta e parece ter-se aniquilado logo; qualquer minuscula coisa, enfim, é o bastante para atear um grande fogo, capaz de destruir um edificio inteiro, ás vezes o quarteirão completo de uma rua, em alguns casos, mesmo, uma villa ou uma cidade.

À principio o fogo propaga-se com extrema lentidão, silenciosamente, de uma forma traiçoeira, sem denunciar-se por nenhum signal. Mas, de repente, faz



A primeira noticia ao telephone



Acudindo ao toque de alarme

bruscamente arrancados ao seu somno, e para os quaes o espanto faz avultar a grandeza do perigo; as mulheres desgrenhadas e descompostas, arrancando do berço os filhos; que choram dilacerantemente; as creanças pávidas de terror, em gritos violentos e desordenados; estabelecem todos uma confusão indescritivel, procurando fugir ás cegas, dificultando inconscientemente a salvação uns dos outros.



Ha fogo!

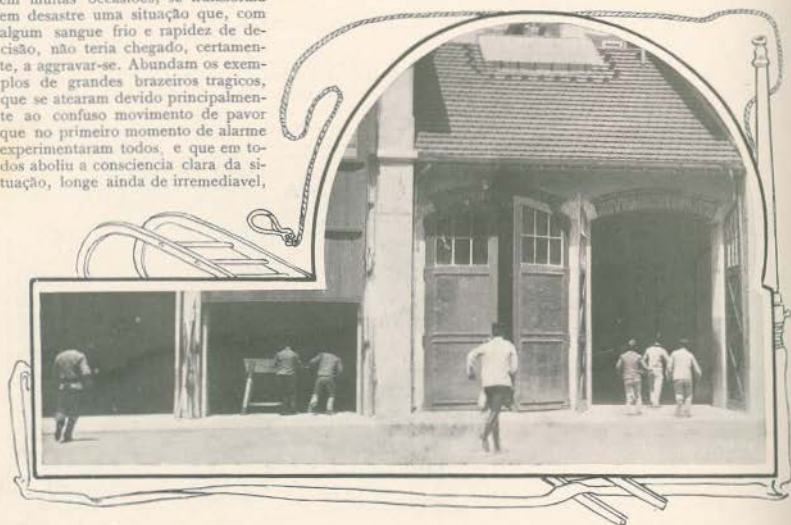
Tal é o primeiro effeito do alarme de fogo na casa assaltada inesperadamente, e é assim que, em muitas occasiões, se transforma em desastre uma situação que, com algum sangue frio e rapidez de decisão, não teria chegado, certamente, a agravar-se. Abundam os exemplos de grandes brazeiros tragicos, que se atearam devido principalmente ao confuso movimento de pavor que no primeiro momento de alarme experimentaram todos, e que em todos aboliu a consciencia clara da situação, longe ainda de irremediavel,



Enfreado as muars

mas, de todo perdida pela falta de serenidade. Quantos casos d'esses! Quem esqueceu já, porventura, o mais funesto e commovente de todos, que é ainda quasi do outro dia?

Ao contrario, quando no meio da desorientação geral apparece uma vontade mais energica, capaz de reagir, e que pela serenidade consegue impôr-se, quasi sempre ha tempo para prevenir muitos desastres.



Correndo aos seus postos

Em Lisboa os socorros contra fogo são hoje excepcionalmente promptos e rapidos, podendo dizer-se, sem receio de contestação, que, sob este ponto de vista, somos uma das cidades mais bem dotadas.

Nas se chegou, de certo, á perfeição ideal de ter uma estação de bombas ao pé de cada incendio, como desejava, segundo a aneddotica muito vulgarisada, aquelle general a quem é costume attribuir a paternidade de quantas parvoçadas risonhas correm mundo sem auctoria reconhecida, Mas ensaiou-se e estabeleceu-se o funcionamento dos serviços em condições taes de presteza e de methodo, que difficil será poder excedel-as.

Nas estações de incendios, ou no quartel da Esperança, o alarme de fogo desperta um movimento desusado, e que á primeira vista parecerá tambem tumultuario, apesar de estar de antemão regulado nas suas mais pequenas minuciosidades.

Chega ao telephone a primeira comunicação laconica e urgente, e immediatamente as campainhas electricas retinem por toda a parte, prolongando-se o seu toque com insistencia. Logo os homens acodem de todos os lados, correndo para os postos que lhes estão marcados. Os que estão deitados, se é de noite, vestem-se com extrema rapidez; uns descem velozmente pela vara; outros, que veem de fóra, correm promptamente ás portas das casernas. Os casacos de oleado e os capacetes estão pendurados, por ordem, ao alcance da mão. Os cavallos estão mettidos ás bombas, aos carros: basta soltar o simples gancho de uma corda que os prende, ao tempo que outro homem

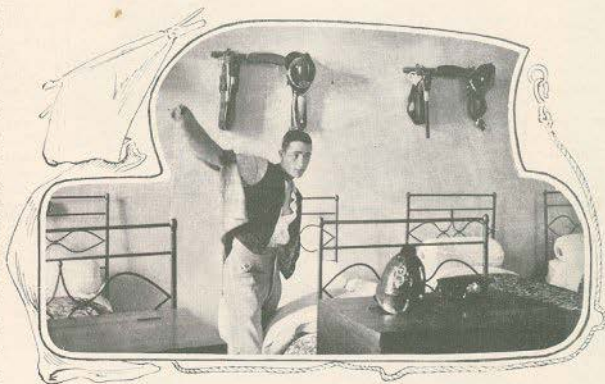
os enfreia; e dentro de meio minuto, talvez, o material está na rua, precipitando-se na direcção do incendio.

Quando ha um toque de alarme o pateo do quartel da Esperança offerece um spectaculo verdadeiramente interessante.

Vêem-se bombeiros a correr de todos os lados; as portas abrindo-se de par em par, de um modo tão o instantaneo que se tem a illusão de terem ellas proprias corrido por si; o automovel assaltado pelos que tem de conduzir, ainda a afivelarem os capacetes; as bombas, as escadas, to-

do o material, sahindo das suas casernas ao grande trote. E tudo se engolfa na rua, n'um turbilhão de gente, de animaes e de carros, pela larga porta de sabida.

Um pormenor curioso, que vale a pena citar, como um novo exemplo da intelligencia tão admiravel dos cães: Ha na Esperança dois cães, um dos quaes é um bello animal, grande, que parece possuir alguns mercimentos de raça, e o outro um pequeno cão-sito vulgar. Ambos divagam por um lado e por outro, á sua guisa, ou dormem pachorrentamente na parada ou n'outro qualquer ponto do quartel. Mas, tocaram as campainhas de alarme, e logo os dois saltaram pressurosos para o pateo, acompanhando-as com os seus ladridos, e não se calam enquanto não passa diante d'elles o material que parte a acudir ao fogo annuciado. Parece terem ambos tomado por commissão e encargo proprios e espontaneos transmitir o alarme de fogo, e incitar os seus amigos que teem por missão acudir-lhe a apressarem-se. Partiram todos? Vae tudo a caminho? N'esse caso podem descansar, e então calam-se, seguindo com os olhos



Vestindo-se á pressa



Descendo a vara e ao cabeçalho da bomba

ainda o ultimo carro que partiu, o ultimo bombeiro que sahiu.

Posto na rua com excepcional rapidez, o material segue a grande trote ao seu destino. As proprias bombas que não teem tração animal, tendo de ser puxadas por moços, vão em extrema correria. Tem-se dado já o caso de se chocarem com trens e carroças, e são ellas sempre que passam adiante, tal é o impeto com que vão puxadas e impellidas.

E' assim que, poucos minutos depois de dado o alarme de fogo, um grupo de homens resolutos e dedicados, pode encontrar-se no local do incendio, com mangueiras, bombas e escadas, com o material necessario.

As chammas sahem pelas janellas em grandes linguas vermelhas, ameçadoras e terribes; o fumo invade as escadas, ameçando asphy-

xiar os que tentam aproveitar-se d'ellas; o tecto vae abater e esmagar quem ficar debaixo. Os bombeiros encetam, porém, o combate corajosamente, as escadas são encostadas ás paredes; as agulhetas começam a esguichar; os machados fracturam portas e janellas. Há ainda pessoas dentro do edificio que arde? Tolheu-as o pavor, paralysoou-as o susto, e ficaram meias pasmadas; tropegas da idade, ou creanças inconscientes não fugiram? Vão ser salvas, porém; não será ainda d'esta vez que a morte conseguirá triumphar contra o heroismo do homem.

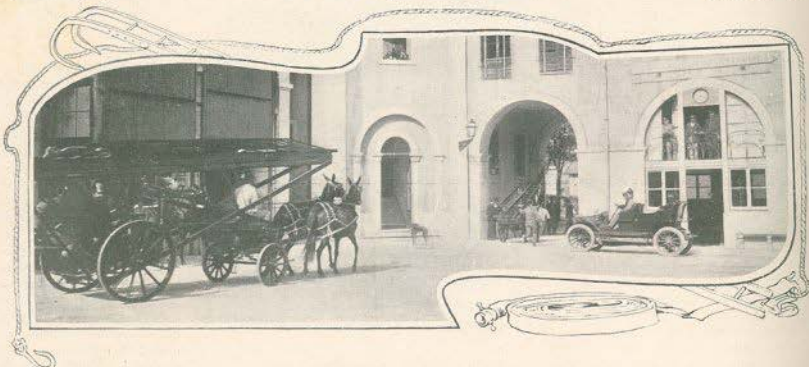
E' assim que na generalidade dos casos actualmente acontece em Lisboa, sendo bastante raros, felizmente, desde ha muitos annos, os incendios que são assigralados por alguma desgraça pessoal ou em que o fogo, não tendo podido ser localizado, se propaga aos predios visi-



A todo o galope



A bomba a vapor saindo da caserna



O automovel prompto a partir e o carro de escadas

nhos. E' até por isso, exactamente, que, de muito em muito longe, quando um incendio excepcional causa qualquer desastre, ou um incendio ainda mais excepcional uma série dolorosa, como succedeu na rua da Magdalena, a cidade se commove profundamente e vibra n'uma grande intensidade de dor. O facto desperta um apavorado assombro, um forte movimento de amargurado pesar em todos os corações.

Em outras cidades maiores que Lisboa, são essas tristezas bem mais usuaes. Contudo a nossa capital tem apenas um bombeiro por 2:460 pessoas, ao passo que Paris o tem por 1:460; e cada lisboeta depende só 120 réis com o serviço de incendios, ao passo que ao parisiense custa elle muito mais do dobro, 315 réis ao certo. São duas notas interessantes, estas, que nos não perdoariamos de deixar sem registo n'este artigo, para accentuar que n'uma cidade que tem uma area de oito milhares e meio de hectares, e onde ha perto de trezentos incendios cada anno, apesar da disparidade dos elementos de combate e do seu custo, a organização actual do serviço de bombeiros permitte acudir sempre com resultado ao primeiro alarme de fogo. E esse alarme é transmittido em Lisboa, com a maior presteza, por meio de

500 aparelhos telephonicos, que ligam entre si os 8 quartéis e as 36 estações, os postos de chamada e as habitações do pessoal com a sede central, installada na Esperança.

A cidade está dividida em zonas, cada uma protegida por um quartel ou por uma estação, conforme a sua importancia. E' como uma organização tactica, e tem de certo a sua tactica, como tem a sua estratégia, o serviço de incendios, o que mostra que as artes e sciencias guerreiras servem ás vezes para ser applicadas ás obras da paz e da civilização.

Na organização do corpo de bombeiros de Lisboa, o merito d'essa tactica e d'essa estratégia está sobejamente comprovado. Não ha alarme de fogo a que não se acuda com promptidão inexcedivel desde que o som das campainhas de aviso ressoou n'uma estação e se repercutiu no quartel central. Está tudo previsto, todos os homens precavidos, toda a evolução do material determinada matematicamente, o mais insignificante pormenor prevenido. A cidade, digamos n'um exagêro peninsular, pode dormir a somno solto sobre os seus travesseiros: os bombeiros respondem-lhe pela vida, o seguro pelos haveres... desde que ella responda pela sua calma e serenidade na hora do alarme.



Bomba sahindo a galope



Sahindo a porta do quartel

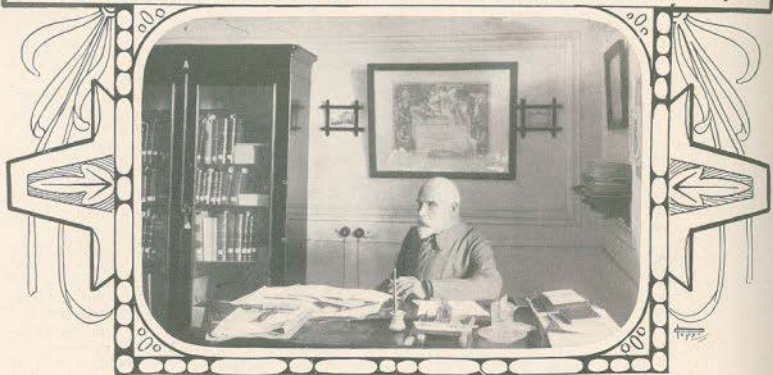


Um carro de escadas

(Clichés de Benoit)

A NOSSA CASA

COMO SE ENSAIAM OS MATERIAES DE CONSTRUÇÃO



O engenheiro sr. Castanheira das Neves, director dos Estudos e Ensaios de Materiaes de Construção

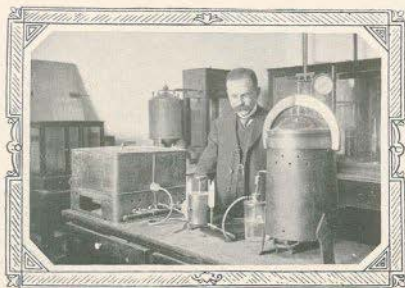
NEM toda a gente se pode dar ao luxo de mandar construir uma casa; mas tambem não é menos certo que ainda ha por esse mundo de Christo muita alma feliz que consegue ter ninho seu e ser senhoria de si propria. E' para estes benventurados da fortuna que este artigo é feito. Os que possuem apenas o seu castello dourado em terras mysteriosas de Hespanha que passem adiante: a argamassa de que se fazem esses predios phantasticos é toda feita de materia impalpavel que tem a sua residencia fixa na imaginação e na phantasia. Ai dos poetas e dos sonhadores!...

Mas os que souberam capitalisar ou aquelles para quem a sorte foi menos mofina e menos avarenta, precisam de attender bem á construcção da sua casa, empregando n'ella os materiaes que offereçam maior resistencia e mais prolongada duração. E' para esse fim que existe em Lisboa a *repartição tecnica de estudos e ensaios de materiaes de construcção*, que tem á sua frente uma das mais legitimas glorias da engenharia civil portugueza, o sr. J. P. Castanheira das Neves, auctoridade maxima no assumpto, que tem estudado com amor e sollicitude e cujo nome

é conhecido e admirado nos centros estrangeiros da especialidade. Delegado do governo portuguez a



Ensaios de compressão ou esmagamento na machina Ansler-Laffon



Ensaios de dilatação, prova a quente

varios congressos, o sr. Castanheira das Neves pode orgulhar-se de ter visto Portugal honrado na sua individualidade eminente, que em toda a parte tem tido o acolhimento que merecem as suas exceptionaes facultades de talento e de erudição sobre o assumpto a que dedicou os mais preciosos minutos da sua existencia. Devem-se ao illustre engenheiro os seguintes valiosissimos trabalhos:

«Estudos sobre cimentos natúraes nacionaes; estudos sobre resistencia de materiaes; jazigos de marmores e alabastros de Vimioso e Miranda do Douro; estudos sobre alguns caes hydraulicos e magnesianas nacionaes; memoria sobre as investigações experimentaes e ensaios de resistencias dos materiaes de construcção; estudos sobre cimentos estrangeiros importados em Portugal; noticia sobre o cimento artificial francez da fabrica dos srs. E. Candlots C.* de Paris; ensaios dos materiaes de construcção; O congresso de Zurich. O Relatorio da commissão franceza; o congresso internacional para unificação



Ensaio de flexão na machina Amsler-Laffon, de 250 mil kilos



Ensaio de presa

dos ensaios dos materiais de construção em Stockolmo em 1897; a nova organização dos estudos e ensaios dos materiais de construção em Portugal; notice sur les Etudes de résistance et essais des matériaux de construction en Portugal; os laboratórios de ensaios de materiais de construção em Madrid; a segunda secção da comissão franceza dos methodos de ensaios dos materiais de construção; uma missão de visita a alguns estabelecimentos de ensaios e experimentação de materiais de construção em Inglaterra, França e Hespanha; projecto de torre e annexos para pharol electrico e signal de nevoeiro do Cabo da Roca, 1884, publicado na *Revista de O. Publicas e Minas*; Die Pozzulane der Azorem—Stuttgart—; a evolução do aluminiado marítimo e dos signaes de nevoeiro para prevenção aos navegantes; e Associação internacional para en-

saio dos materiais de construção e o Congresso de Budapesth.

Occupam tambem lugar illustre ao lado do sr. Castanheira das Neves os distinctissimos engenheiros srs. Sousa Galvão e D. Vasco Belmonte, que são auxiliares eficazes e muito competentes na obra a que aquella nossa incontestada gloria da engenharia tem offerecido todas as suas altas qualidades de intelligencia e de estudo.

Em Portugal, a criação da actual direcção de estudos e ensaios de materiais de construção data de 1898. Apesar da exiguidade das verbas concedidas pelos successivos governos, deve-se á inexcedivel tenacidade de esforço do sr. Castanheira das Neves a acquisição dos mais perfeitos apparatus, machinas e instrumentos da especialidade.

Com um diminuto pessoal, são innumerous os trabalhos de estudo e investigação de iniciativa propria e ensinos para as estancias officias. Sobre materias



O engenheiro sr. Sousa Galvão no seu gabinete de trabalho



Ensaio de flexão de argamassas, na machina Amsler-Lafon, de 5 mil kilos

de agregação ha sempre em execução varios ensaios para particularres, que são pagos segundo a tabella official, entrando nos cofres do Estado as verbas correspondentes.

Este estudo tem corrido poderosamente para melhorar a industria do cimento em Portugal, havendo já hoje tres fabricas relativamente importantes. Os laboratorios similares do estrangeiro tem, em geral, um pessoal immenso, devidamente habilitado, com largo tirocinio, e competetemente remunerado,



O engenheiro sr. Vasco Belmonte no seu gabinete de trabalho.

comprehendendo techni-

cos de grande fama. Não ha, pois, comparação possível com a modestia do nosso laboratorio; mas reverte sobre esse pessoal, em compensação, o maior elogio, porque é com sacrificio e esforço que os trabalhos se executam em tempo competente, sem recompensa digna de tão aturada e profunda dedicação.

São tão variados e distinctos os trabalhos que esta repartição technica tem produzido que, concorrendo á exposiçáo de Paris de 1900, devidamente auctorisada pelo governo, obteve n'aquelle certamen universal a medalha d'ouro.



Preparação de provas na machina-pilão



Ensaio chimicos (Clôchês de Bunsen)



Comício republicano no Cartaxo, no domingo 12 de maio



decorações da tradicional festa das Cruzes de Barcelos, que este anno se realisou com excepcional esplendor e brilhantismo

A TALENTOSA VIOLINISTA D. GUILHERMINA SUGGIA E O DISTINCTO PIANISTA VIANNA DA MOTTA NO CONCERTO REALISADO NO SALÃO DO THEATRO DE D. MARIA EM 14 DO CORRENTE. — Lisboa teve ha pouco o prazer de ouvir na mesma noite dois insignes concertistas portuguezes, que são, tanto um como outro, duas indiscutíveis glorias da musica nacional e duas brilhantes reputações artisticas lisongeiamente firmadas no estrangeiro: a admiravel violoncellista D. Guilhermina Suggia e o exímio pianista Vianna da Motta.

Ha bastante tempo já que nenhum dos dois illustres concertistas, ausentes de Portugal, era ouvido pelo nosso publico, e por isso a noite em que a Sociedade de Musica de Camara teve a fortuna de apresentar ambos, no salão do theatro de D. Maria, pode bem ser contada como uma verdadeira noite de festa e de gloria da arte.

Os que já conhecem as preciosas qualidades de virtuosidade que possuem os dois grandes musicos não experimentaram decerto qualquer surpresa; mas, os que pela primeira vez escutaram a eminente violoncellista tocando a magnifica *sonata* de Strauss para violoncello e piano, em que a acompanhou com impeccavel correcção o sr. José Donet, ou pela primeira vez escutaram Vianna da Motta, executando a magistral *Sonata* de Liszt, devem ter recebido uma impressão inesperada e inolvidavel. O primor da execução, a belleza do estylo de ambos os aristas, foram inexcediveis, tendo, decerto, aquellas duas obras primas musicas raramente sido interpretadas com tão nobre sentimento e tão bello vigor.



Para um povo que ama a musica como o nosso, por um instincto nato da alma nacional, amorosa e sonhadora, os seus maiores artistas hão de ser sempre os seus grandes musicos; e o enthusiasmo quente e apaixonado com que o selecto auditorio da noite da reaparição em Lisboa de D. Guilhermina Suggia e de Vianna da Motta tão vibrantemente os applaudiu, n'uma manifestação tão eloquente de admirativo e assombro, deve ter provado aos dois eminentes musicos que elles são considerados na sua terra, contra a experiencia desoladora do adagio, entre os maiores artistas. E nada poderá ser-lhes, cremos bem, mais grato ao coração do que vêr desmentido esse adagio, e confirmados, na propria terra onde nasceram, os triumphos alcançados nas estranhas. O mytho de Antéo é conhecido: quando tocava a terra erguia-se rejuvenescido. Os talentos dos dois grandes e admiraveis artistas igualmente terão rejuvenescido ao calor do applauso dos seus compatriotas.

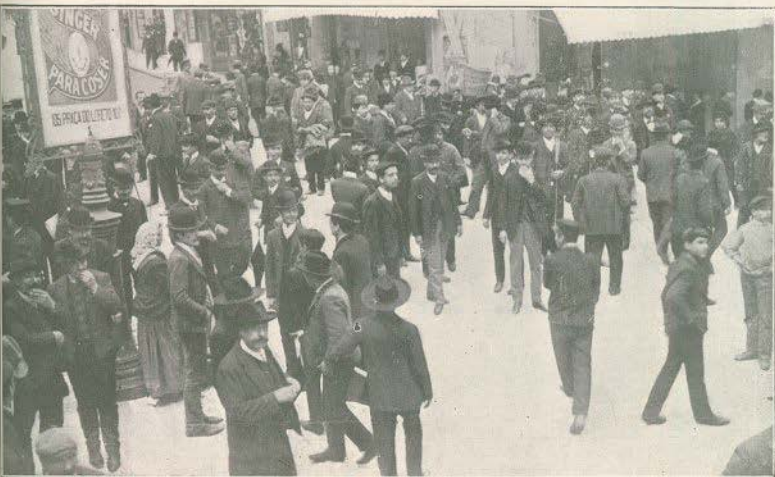
LEI DE IMPRENSA

O PRIMEIRO JULGAMENTO EM LISBOA

Na terça feira, 14 de maio, realizou-se no tribunal do segundo districto criminal o julgamento do primeiro processo de abuso de liberdade de imprensa, promovido em obediencia á lei de 11 de abril



O advogado dr. Maceira pedindo ao publico calma e socego



Nas proximidades do tribunal



Nº atrio da Boa-Hora—O advogado de defeza dr. Antonio Macieira
 Um aspecto do tribunal—O sr. Consiglieri Pedroso depondo
 —O auditorio

(Clichés de Benoit)

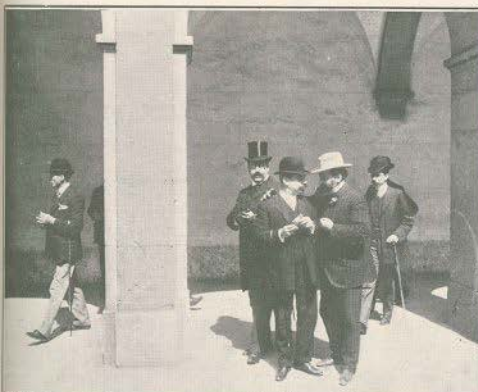
Como é natural, os primeiros julgamentos realizados pela nova lei de imprensa tem despertado a curiosidade, e a seu proposito, em um grupo de homens de letras, reunidos por essa curiosidade no tribunal, recordava-se a historia das varias perseguições praticadas em todos os tempos contra a imprensa, reconhecendo-se que contra o jornal e o livro nunca faltaram—Deus seja louvado!—condemnações, supressões, excommunhões, e... fogueiras, em que algumas vezes arderam tambem os auctores juntamente com os seus escriptos, como aconteceu, por exemplo, ao pobre Miguel Servet. Entre outras lembra-nos, porém, ter ouvido contar estas duas aneddotas, menos tragicas.

Quando o celebre Rodin demonstrou no seu livro *Da Republica* o acerto da lei salica e que a realeza de uma mulher era coisa contraria ao

prestigio das corôas, a rainha Isabel de Inglaterra mandou chamar á sua côrte o escriptor francez. N'esse tempo não se ia com demasiada facilidade a Londres. Rodin teve, além d'isso, de esperar seis semanas n'uma má hospedaria que á rainha appetecesse recebê-lo. Finalmente obteve a sua audiência. Chegou, ajoelhou aos pés da soberana, e quando o mandaram erguer recebeu uma valente bofetada da mão ossea de Isabel, com estas palavras amaveis: «Fique sabendo que não passa de um parvo». O pobre Rodin voltou pelo mesmo caminho, mas causou-lhe tanta impressão o desacato que d'ahi por diante adoptou a prece de Thomaz Howard, duque de Norfolk: em vez de dizer, no Padre Nosso, *que venha a nós o vosso reino*, dizia *a vossa republica*.



O dr. Theophilo Braga, uma das testemunhas



nos claustros da Boa Hora—Sahindo da Boa-Hora—O sr. dr. Miguel Horta e Costa, juiz do 2.º districto criminal e presidente do tribunal collectivo nos ultimos julgamentos da imprensa

O SEGUNDO JULGAMENTO

No segundo julgamento de imprensa foram os depoimentos dos dois professores da Escola Médica srs. drs. Miguel Bombarda e Bettencourt Raposo que em especial atraíram a atenção e constituíram, effectivamente, a parte mais interessante da

audiência. O tribunal encheu-se de espectadores até trasbordar, e os aspectos que reproduzimos da sala mostram a evidencia a intensa curiosidade com que as duas illustres testemunhas foram ouvidas pelos assistentes.



O dr. Miguel Bombarda, depondo — O dr. Bettencourt Raposo, testemunha — No pateo da Boa-Hora
(Clichés de Benoit)

SANATORIO SOUSA MARTINS



Portão de entrada para os terrenos do Sanatorio



NA GUARDA

COM a construção do novo Sanatorio Sousa Martins, na Guarda, já não ha necessidade de ir procurar no estrangeiro o tratamento para a tuberculose. Deve-se á Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e implicitamente a Sua Magestade a Rainha, sua augusta fundadora, esta grande e humanitaria obra de regeneração physica, que fica sendo um dos mais gloriosos e legitimos brazões da sua fidalga philantropia.

O sanatorio, collocado sob a egide do saudoso e eminente mestre que teve em Portugal a justa consagração devida a um dos mais luminosos cerebros do seculo XIX e cujo nome todo o mundo conhece como a mais radiosa fulguração do genio, é uma verdadeira e authentica maravilha, que o dr. Lopo e Carvalho, com uma dedicação sem limites, e á custa de enormes sacrificios de saude e de tempo, ha muito vinha emprehendendo e cuja solemne coroação se realisou com a comparencia de Suas Magestades.

A cidade da Guarda recebeu os soberanos portu- guezes com a singular fidalguia e gentileza d'essa gente pura da Serra, onde não chegam ainda con- taminaciones e paixões politicas que tudo adulteram e deturpam tudo. Montanha acima, da estação do caminho de ferro á cidade, grupos de serranos, pen-

durados nos rochedos, agitavam os largos chapéus e faziam chover sobre o landau de Suas Magestades



Sala de visitas de Sousa Martins, na sua casa de Lisboa

petalas de rosas, que iam cair no regaço da Rainha, estrellando-lhe de côres vivas o vestido cinzento e



Um pavilhão do Sanatorio da Guarda



A casa do dr. Sousa Martins:—Gabinete de consulta



Quarto de cama



Tres corpos do edificio do Sanatorio



Suas Magestades na galeria do Sanatorio

(Photographias de João Camacho)



Na Guarda: o arco triumphal do largo da Misericórdia

envolvendo toda a sua radiosa e gentilissima figura n'uma onda de perfume. Visto de cima, de uma das muitas curvas da estrada que sope em espiral até á Guarda, o cortejo tinha uma imponencia desusada,

como se longe, por entre as arvores, uma *fantasia* arabe passasse a todo o galope envolta n'uma nuvem de pó:—era o esquadrão de cavallaria que fazia a guarda de honra aos soberanos portuguezes, com os



A multidão em volta do Sanatório, no dia da inauguração

(Photographias de João Camacho)



Guarda: o orpheon de creanças que cantou na presença de Suas Magestades
(Photographia de João Camacho)

seus capacetes faiscando aos raios do sol, as espadas desembainhadas subindo como linhas de fogo para a tranquillidade do céu azul, que fazia cupula áquelle vastissimo panorama, n'aquella luminosa altitude de mil metros sobre o mar.

Mas quando os primeiros trens passaram o primeiro arco triumphal e entraram nas ruas da cidade toda em festa, o entusiasmo redobrou. De todas as janellas, de onde pendiam riquissimas cochas de damasco, debruçavam-se caras formosissimas; e d'aquellas pequeninas mãos femininas cahiam incessantemente dezenas de flôres que atapetavam a estrada.



A enfermaria dos pobres no Sanatorio

aclamações foram calorosas, unisonas, vibrando no mesmo entusiasmo e na mesma espontaneidade.

Quando Suas Magestades entravam para a Misericórdia, onde se rezava um *Te-Deum*, muita gente, entre a multidão, ajoelhou. Então o rei estendeu a mão, dizendo: — Levantem-se, que eu não sou santo

Sua Magestade a Rainha sorria, encantada. Sobre a sua cabeça choviam as benções d'aquella gente rude, mas sincera, cuja alma se tempera ao sopro agreste da montanha. Por toda a parte, em todas as phases da festa, — no Sanatorio, no hospital, na Sé, na estação, nas ruas do trajecto, as



Vista geral do Sanatorio

VIDA COLONIAL.



SUL DE ANGOLA.—No dia 15 de maio, a companhia de

lem, diversas evoluções, marcha em linha e columna, em ordem unida e em ordem dispersa.

marinha que vai tomar parte na columna de operações contra os cuamatatas, para onde parte em 1 de junho, effectou nas Terras do Desembargador, em Be-



1 A força de marinha expedicionaria nas Terras do Desembargador — 2 Os sargentos de marinha expedicionarios — 3 O 1.º tenente Leite Sepulveda e os 2.º tenentes Teixeira Marinho, Costa Rego e Alvaro Martha — 4 Exercício de fogo (Clichés de Benoitte)

FIGURAS E FACTOS

Tiro aos pombos na escola do "Elite-Sport-Club" do Porto



O dr. Elysio de Castro, em honra de quem se realizou o torneio de tiro aos pombos
Um aspecto da tribuna—O sr. Emilio Reis na pista

(Clichés de Aurelio Paz dos Reis, Porto)



Medalha cunhada na Hollanda para commemorar o centenario do almirante Ruyter e de que foram enviados exemplares para Lisboa—(Verso e reverso da medalha)



Uma excursão de 150 cyclistas a Cintra

(Clichés do amator Conjeira)

Livro de ouro da mulher

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
 Premiado na exposiçõo de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA
 Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,
 ITALIA, RUSSIA E HESPAHNA

CENTENARES DE GRAVURAS = LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**, Tomo de 80 paginas **300 réis**

Pedidos
 á antiga

CASA BERTRAND 73. R. Garrett, 75
 LISBOA

Centenares de gravuras

Chromos lindissimos

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Bicyclettes,

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas SIMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 8, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA



MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas SIMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 8, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que ha e por preços sem competencia. Bicyclettes das celebres marcas SIMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL. Accessorios para bicyclettes e motocyettes. Grande deposito das melhores machinas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que ha. Tudo novidades. Variadissimo repertorio de musica e canto das maiores celebridades artisticas. Preços excepcionaes para a Africa, Brazil e colonias. Pedir catalogos de bicyclettes, machinas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 8, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prezio o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phrenologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lam-broze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

♣ ♣ ♣ ♣ **SOCIEDADE DE** ♣ ♣ ♣ ♣
SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

••••• Séde Social: •••••

RIO DE JANEIRO

FILIAL EM PORTUGAL: Largo do Camões, 11, 1.º — LISBOA

♦♦♦♦♦
A Equitativa dos E. U. do Brazil

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torral, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GERENTE: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro, unicamente adoptado pela **Equitativa**. Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000\$000 RÉIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto — 20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça — 20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa — 20899, José João Telhada, Santarem — 20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça — 20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz — 20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa — 20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima — 20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa — 21539, José Antonio Rodrigue, Bombarral — 22050, João Garcia Augusto, Estremoz — 20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha — 21056 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede — 22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas — 21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de **TABELLAS DE PREMIOS - PROSPECTOS** e outras informações que forem dirigidos á

— **FILIAL DE** —

A Equitativa dos E. U. do Brazil

♣ ♣ **LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA** ♣ ♣